



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADES DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

ADRIANA DINIZ NILES  
JOSÉ NAZARENO DA CONCEIÇÃO NEGRÃO

**O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO DE PROFESSORES NO MUNICÍPIO  
DE ABAETETUBA**

ABAETETUBA – PARÁ  
2022

ADRIANA DINIZ NILES  
JOSÉ NAZARENO DA CONCEIÇÃO NEGRÃO

**O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO DE PROFESSORES NO MUNICÍPIO  
DE ABAETETUBA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira Lima.

ABAETETUBA – PARÁ  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

N696t Niles, Adriana Diniz.  
O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO DE  
PROFESSORES NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA / Adriana  
Diniz Niles, José Nazareno da Conceição Negrão . — 2022.  
29 f.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria do Socorro Pereira Lima Lima  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Pedagogia, Abaetetuba, 2022.

1. Adoecimento docente . 2. Professores de Abaetetuba. 3.  
Trabalho docente. I. Título.

CDD 370.98115

---

ADRIANA DINIZ NILES  
JOSÉ NAZARENO DA CONCEIÇÃO NEGRÃO

**O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO DE PROFESSORES NO MUNICÍPIO  
DE ABAETETUBA**

APROVADO EM: 26 / 08 / 2022

BANCA EXAMINORA:

---

---

---

ABAETETUBA  
2022

## O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO DE PROFESSORES NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA

Adriana Diniz Niles<sup>1</sup>

José Nazareno da Conceição Negrão<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo está inserido em discussões que tratam do trabalho docente e as possíveis implicações que levam o constante adoecimento de professores na educação básica de Abaetetuba-Pará, tendo em vista a grande incidência de professores que por diversas razões de ordem física ou psicológica, trabalham doentes. Desse modo, a pesquisa problematiza: Qual a relação do trabalho docente com o adoecimento dos professores da rede municipal de ensino de Abaetetuba. A partir dessa questão têm-se como objetivo, compreender a relação entre o trabalho docente e o adoecimento de professores que atuam em escolas municipais de Abaetetuba. O estudo é de natureza descritiva e exploratória, constituindo-se de uma abordagem qualitativa, pois está centralizado na ação do sujeito e no estudo amplo dos significados. Para isso, utilizamos como técnica para a coleta de dados, a entrevista com 4 docentes dos anos iniciais da rede municipal de Abaetetuba, sendo possível analisar a perspectiva de professores em relação ao trabalho docente e a sua saúde, bem como as suas colaborações por meio da prática em sala de aula. De acordo com os dados produzidos a partir do contexto educacional vivenciado, a pesquisa evidencia que as normas e exigências que fazem parte diária do trabalho docente nas escolas municipais de Abaetetuba, em que pese as responsabilidades com o sucesso ou o insucesso escolar dos alunos, obrigam os professores a estarem sempre em busca da perfeição e, por conta dessa responsabilidade, eles se tornam profissionais ansiosos, depressivos e psicologicamente adoecidos, sem contar com outros fatores como, a carga horária de trabalho, a falta de diálogo com a instituição e a baixa remuneração salarial, que comprometem, do mesmo modo, o saúde dos professores.

**Palavras-chave:** Adoecimento docente. Professores de Abaetetuba. Trabalho docente.

### ABSTRACT

The present study is part of discussions that deal with teaching work and the possible implications that lead to the constant illness of teachers in basic education in Abaetetuba-Pará, in view of the high incidence of teachers who, for various reasons of a physical or psychological nature, work sick. In this way, the research problematizes: What is the relationship between teaching work and the illness of teachers in the municipal education network of Abaetetuba. Based on this question, the objective is to understand the relationship between teaching work and the illness of teachers who work in municipal schools in Abaetetuba. The study is

---

<sup>1</sup> Adriana Diniz Niles – Discente da Universidade Federal do Pará - UFPA, do curso de Licenciatura em Pedagogia.

<sup>2</sup> José Nazareno da Conceição – Discente da Universidade Federal do Estado do Pará - UFPA, do curso de Licenciatura em Pedagogia.

descriptive and exploratory, constituting a qualitative approach, as it is centered on the subject's action and on the broad study of meanings. For this, we used as a technique for data collection, the interview with 4 teachers from the early years of the municipal network of Abaetetuba, making it possible to analyze the perspective of teachers in relation to teaching work and their health, as well as their collaborations through of classroom practice. According to the data produced from the educational context experienced, the research shows that the norms and requirements that are a daily part of the teaching work in the municipal schools of Abaetetuba, in spite of the responsibilities with the success or failure of the students, oblige teachers to always be in search of perfection and, because of this responsibility, they become anxious, depressive and psychologically ill professionals, not to mention other factors such as the workload, the lack of dialogue with the institution and the low salary remuneration, which also compromise the health of teachers.

**Key-words:** Teacher illness. Teachers of Abaetetuba. Teaching work.

## 1. INTRODUÇÃO

Em nossas vivências como docentes nas mais diversas realidades escolares do município de Abaetetuba-Pará, nas quais adquirimos conhecimentos e amadurecimento profissional, pudemos observar nas jornadas diárias de muitos professores as angústias que os cercam no seu dia a dia de trabalho.

Episódios constantes de desconforto na profissão docente têm provocado nos professores o sentimento de medos mal-estar e adoecimento e com isso, o afastamento do trabalho. As razões são diversas, pois, é sabido que a jornada de trabalho docente é intensa e necessária para que os professores possam sobreviver. Um outro agravante nas escolas de Abaetetuba é a falta de segurança no emprego, pois, grande parte dos professores é contratada e isso gera insegurança no trabalho e na vida particular dos docentes nessa situação.

A ideia de professores contratados serem destratados causa desânimo, tendo em vista que quando chega o fim do contrato não se sabe se vai ocorrer a renovação do contrato. Desse modo, os professores se sentem inseguros e manifestam medo de adoecerem, o que muitas vezes isso é inevitável, pois, diante de tanta insegurança e cobrança com resultados previstos pela Secretaria da Educação, que afetam o fator psicológico dos professores, que, ao mesmo tempo, não possuem direitos assegurados para se afastarem para tratamento, pois, estes direitos cabem apenas aos professores concursados.

Nesse processo de vivências que nos identifica como professores contratados da rede municipal de ensino de Abaetetuba, nos sentimos afetados por estas questões que envolvem o trabalho docente e o adoecimento mediante a insegurança que o sistema educacional nos

proporciona através das normas e exigências padronizadas, cujas exigências de bons resultados no processo de aprendizagem acabam por recaírem nos professores.

Assim, professores trabalham num ambiente em que as problemáticas das mais diversas surgem cotidianamente e dificultam a preservação da sua saúde; dificultam as relações no ambiente de trabalho ocasionadas por normas inseridas no ambiente, gerando competições que causam desavenças e acarretam o adoecimento docente. Grosso modo, o docente, sobretudo o docente contratado, se sente desvalorizado e ainda mais desvalorizado quando manifesta sinais de adoecimento físico e psicológico no trabalho.

Na direção de discutir sobre esta importante temática que compromete a qualidade de vida dos professores dos anos iniciais das escolas municipais de Abaetetuba-Pará, elencamos a seguinte questão norteadora: **Qual a relação do trabalho docente com o adoecimento dos professores da rede municipal de ensino de Abaetetuba?** A partir dessa questão têm-se como objetivo, **compreender a relação entre o trabalho docente e o adoecimento de professores que atuam em escolas municipais de Abaetetuba.** De forma mais específica, **conhecer as condições de trabalho dos professores nas escolas onde atuam e, identificar os principais fatores que acarretam o adoecimento docente.**

Trata-se de um estudo de natureza descritiva e exploratória, constituindo-se de uma abordagem qualitativa, pois está centralizado na ação do sujeito e no estudo amplo dos significados (FONSECA, 2002), além de que a pesquisa qualitativa possibilita uma maior aproximação com a realidade investigada.

Para isso, utilizamos como técnica para a coleta de dados, a entrevista, que na perspectiva de Lüdke e André (1986, p. 34), “permite a captação imediata e a corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Desse modo, professores que atuam nas escolas municipais de Abaetetuba participaram como sujeitos da pesquisa, de modo que utilizamos como critérios de escolha, estarem atuando nos anos iniciais, apresentarem disponibilidade para falar sobre o tema previamente apresentado, porém, respeitando a privacidade das identificações. Por isso, os professores entrevistados estão identificados por números.

As entrevistas ocorreram individualmente em dia e hora definidos pelos sujeitos, obedecendo um roteiro com 13 perguntas estruturadas em relação ao trabalho docente e mais especificamente em relação ao adoecimento dos professores no ambiente de trabalho. A partir das respostas obtidas, organizamos os dados por categorias temáticas relacionadas aos

objetivos. Teóricos como Antunes (2004), Carlotto (2010), Jacques (2003), entre outros, contribuíram com o referencial teórico deste trabalho.

## **2. A AÇÃO DOCENTE E SEU AMBIENTE DE TRABALHO**

Diante das mudanças repentinas e constantes nos níveis sociais, políticas e econômicas, principalmente em consequência das reformas educacionais do século XX, é notável as decorrências negativas que o impacto destas causa no meio em que vivemos, adaptações totais são quase impossíveis. Estratégias de organização para facilitar a execução de trabalho são alternativas para consolidar na educação escolar, de modo que sejam evitados os danos perceptíveis que já assolam esta área social principalmente nos envolvidos, profissionais educadores no que tange aos estresses causados no seu processo de convivência no meio, o qual é inevitável às ocorrências.

As exigências em aperfeiçoar com formação para desempenhar características de um modelo ideal de professor que corresponda a essas mudanças na estrutura de organização pedagógica, imposta pelo ensino brasileiro que vem a ser indicação desconhecida das realidades de cada região, porém a intenção é a mesma tornar perceptível o crescimento dos níveis de formação discente, sem que sejam levadas em consideração as condições diversas.

Nesse âmbito, o educador - sujeito desta pesquisa – esquecido como ser humano, exigido e sufocado pelas pressões que é incumbido de proceder precisa incorporar tal perfil e muitas vezes calado, suportar os descasos, a falta de respeito e as reclamações, lhe é tirado o direito de se expressar, reivindicar seus direitos de fato sendo negadas suas opiniões.

Segundo a percepção de Paulo Freire (1996) em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, dentre várias abordagens sobre a docência e sua prática de ensino, dá ênfase a ‘luta em defesa dos direitos dos educadores’:

[...] é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa dos seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética.

Nesse sentido sabemos que o salário é um fator preocupante diante da demanda de exigência do “ser professor” na vida do educador, pois é algo que de certa forma não deveria se lutar por, pois deveria ser algo justo. A área da educação sendo a que prepara desde a base de um indivíduo para sua formação como pessoa é desvalorizada, esquecida pelos poderes públicos e massacrados pelos que os rodeiam.

Um dos piores males que o poder públicos vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muito de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. ‘Não há o que fazer’ é o discurso acomodado que não podemos aceitar (FREIRE, 1996).

Essa busca que exige esforços além do utilizado para ensinar leva a fadiga, pois são recorrências de pedidos reuniões para se chegar a um acordo comum para todos, são idas e vindas que resultam em promessas apenas, não se há obtenção de resultados, o que faz com que muitos desistam de procurar seus direitos, pois parece em vão, aparentemente sem validade, mas a verdade está inserida em um contexto muito maior a qual não conseguiriam cumprir, pois há muitos professores espalhados pelo país que se realmente fosse respeitados quanto ao salário, haveria desfalque nos lugares os governantes “aplicam” este recurso financeiro.

Em se tratando de perfil dos educadores que adoecem por esse motivo há dois perfis nesta categoria, os que estão inclusos nas lutas diretamente (professores titulares, coordenadores) que fazem reuniões, protestos, organizam greves, entram com ofícios etc., e o outro, os que apoiam direta e indiretamente, mas não estão à frente, pois por cansaço, falta de tempo, jornada dobrada de trabalho, distância dos locais de encontros, entre outros, não podem estar presente. Sobre este olhar a pressão recai sobre os dois.

Os esforços que vão além de ensinar não significa que é algo definido, pleno e sem defeitos, ou que estamos ensinando por força e sem amor, dedicação, pelo contrário ao ponto que se ama ensinar e educar para a vida, há esforços para o êxito, a competência em se desdobrar para produzir planos de aulas, compreender as especificidades do aluno, respeitar as curiosidades e a identidade deles, contornar desentendimentos na pratica e verbalmente entre alunos e até mesmo direcionado ao professor.

Muitas vezes essas discórdias entre alunos e entre aluno e professor, acabam agravando a situação do professor na escola, pois aos olhos dos que estão ao redor, dos que não estão vivenciando de frente a situação, apenas criticam. Um dos primeiros problemas é a alta de compreensão dos pais e responsáveis que recebem as queixas dos filhos das briguinhas com os colegas e então debatem com o professor/a como se eles tivessem de ficar concentrado em vigiar cada passo de exatamente cada aluno e isso é algo impossível. Há dentro de salas de aulas uma média de 25 a 30 alunos. Se pode então imaginar como fica o estado mental de um profissional desta área, agredido verbalmente pelos alunos e seus pais.

A partir disso surge a cobrança da coordenação na pessoa do Gestor Escolar, verificando e tentando alterar a metodologia do professor simplesmente para não receber queixas na

direção, o professor é um profissional que atende a várias demandas como, o número de alunos em sala, o preparo de atividades, o atendimento a demanda da escola na elaboração de planejamentos de acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), atender os cronogramas da LDB e PNE, realizar avaliações, atender os pais, entre outras, levando a angústia, decepção, tristeza, o estresse, podendo chegar a desenvolver algumas patologias como a Síndrome de Burnout e até mesmo a Depressão.

As condições de trabalho impedem a execução deste. Há muitos autores que enfatizam o dever do professor e como este deve reagir diante das situações; o professor deve ser paciente, deve ser facilitador, deve promover, deve aprimorar, deve produzir etc., são tantos “deve” que coitados. Como cumprir com tantos sem condições escolares apropriadas? Muitos professores são transferidos para outros lugares sem o mínimo de estrutura para lecionar, sem carteiras, quadro branco entre outros. Nessa condição produzir meios para ensinar é complicado, pois imagine um local pobre, sem verba para a educação estrutural, o que dizer para recursos didáticos.

Dessa forma, muitos desses professores retiram do seu baixo salário para compor essa estrutura, lhe sobrando quase nada, exercendo assim o amor pela profissão e por seus alunos e a compaixão pelos que necessitam de educação. Ainda que não seja de qualidade, os esforços em educar dependem do que quer ter para seu sustento muitas vezes, pois este mesmo tem uma vida além dos muros escolares.

### **3. AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ABAETETUBA**

As escolas do município Abaetetuba atendem nas áreas urbanas, nas ilhas, nas estradas e ramais. Nesse aspecto, as relações constituídas nesses espaços em que o adoecimento de professores pode ocorrer por influências externas ou internas, se tornou uma realidade nos espaços de interação educativa, sem que a ela seja dada atenção devida. Dessa forma o ambiente de trabalho se torna inapropriado e agressivo, onde surgem críticas destrutivas que com o passar do tempo se agravam em conflitos na pessoa do professor que é um profissional de fundamental importância para a formação humana.

Atualmente, a atividade dos profissionais que atuam como professores contratados do município de Abaetetuba não segue baseada nas mesmas perspectivas legais que deveriam ser atribuídas a estes profissionais. A exemplo da hora atividade, que segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, garante ao professor tempo dentro da sua jornada de trabalho para a realização de atividades extraclasse, tais como: planejamento, organização e

avaliação das atividades pedagógicas, além de estudos e atualização, é garantida apenas aos profissionais efetivos, deixando a jornada de trabalho dos profissionais contratados ainda mais sobrecarregada.

Outro item que também podemos citar, trata da negligência de profissionais especializados para o trabalho com alunos com deficiências. Nas regiões das ilhas, podemos encontrar escolas que atuam sem energia fixa, sem o oferecimento de internet, ou salas de aulas condizentes com as garantias mínimas previstas em leis.

Além desses aspectos que comprometem a saúde do docente, a falta de reconhecimento desta categoria e o histórico baixo salário, remetem a fragilidade deste profissional que é muito cobrado pela responsabilidade, independente dos males que lhes afetam a saúde, mas que junto a tudo isso, é um ser humano que vive em constante construção na contribuição com os saberes escolares, mesmo afetado pelas situações massacrantes das imposições arbitrária de um sistema fechado em que essa engrenagem da Secretaria Municipal da Educação(SEMEC) os oprime.

Neste sentido, dada a importância deste profissional para a formação de indivíduos socialmente preparados para viverem experiências profissionais em seu aspecto íntegro, é necessário que pensemos nos impactos que o professor é acometido por inúmeros fatores que podem causar o adoecimento no trabalho, na execução de sua função na escola, gerando o comprometimento físico e psicológico na sua qualidade de vida, seja no local de trabalho com seus objetivos e propostas a serem seguidas ou até mesmo no ambiente familiar levando-o a sobrecarga do isolamento.

O trabalho é uma condição humana que move a todos, a partir disso, as identidades são criadas e por suas escolhas profissionais são reconhecidas enquanto pessoa, fazendo parte de seu amadurecimento físico, afetivo, psicológico/intelectual, espiritual e cultural. No entanto, são abdicadas algumas coisas e os esforços para se alcançar determinado *status* são exigências sociais que por vezes negligenciam o amadurecimento.

O professor é um profissional de muita resistência, que luta pelos direitos e busca cumprir os seus deveres, porém as lutas, muitas vezes, são de caráter apenas individual enquanto o coletivo é superficial, e, com isso, abarcamos num barco emprestado para cobrir as regras e cabides de emprego. Além disso, o histórico fracasso escolar torna-se um jogo e oferta de negociação dentro das escolas, onde são aplicadas troca de favores, e por conta da necessidade de trabalho, os professores contratados se tornam fieis aos acordos internos, porém,

controlados e limitados que os leva a não expressar os seus problemas de saúde que vão se agravando, a ponto de evoluir para um quadro irreversível.

Ao enfatizarmos o trabalho docente e o adoecimento dos professores da rede municipal de Abaetetuba, buscamos esclarecer que as exigências e cobranças para o empenho na aprendizagem pessoal e os conflitos, trazem a reflexão da importância dos aspectos psicológicos relacionados ao trabalho dos professores, a necessidade de oportunizar um ambiente digno que é o necessário para estabelecer o indivíduo para suas condições e melhorias de trabalho.

Como citado anteriormente, esta pesquisa se baseia na preocupação com o possível adoecimento que a cada dia se torna uma realidade comum na categoria docente, pois, no nosso entendimento, esta questão tem grande relevância social, em vista das consequências que o adoecimento, seja físico ou mental, acarreta para os professores que não têm a devida atenção da secretaria para que venham retomar a sua saúde, pois, entendemos que um professor saudável fisicamente e psicologicamente, colabora para a formação integral dos seus alunos, pois é este o papel de um professor comprometido com a sua função.

Para Landini (2006, p. 1), o trabalho do professor na organização deste, é alterado em relação aos objetivos que se quer alcançar, diferente das políticas educacionais vigentes e, dessa forma a saúde do professor é atingida diante das formas de educar atuais, implicando no quadro problemático de abandono da profissão, problemas de saúde, o sentido que há na realização e a não realização do seu trabalho.

O crescente interesse que se observa nos últimos anos, em escala internacional, pelos danos provocados à saúde pelas condições de trabalho, é originário de diferentes compreensões científicas, no universo das categorias profissionais. Uma delas, a prevenção e promoção da saúde, tem produzido programas de pesquisa e intervenção na busca pela melhoria da qualidade de vida da classe trabalhadora (LEMOS, 2005, p. 05).

Logo, torna-se necessário compreender os danos e intermediar para que o professor proporcione seu papel, sendo este preparado e formado pedagogicamente, portanto, a sua melhoria é essencial para si assim como o ambiente em que está inserido precisa contribuir para a qualidade do trabalho do professor que muitas vezes não resiste as pressões sofridas neste ambiente que, por alguma razão, desencadeia o adoecimento docente e impede o sucesso do resultado do trabalho do professor.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1. A relação entre o trabalho docente e o adoecimento de professores de Abaetetuba**

São muitos os fatores que causam o adoecimento físico e psicológico provocados em docentes. Conforme mencionamos, é comum os professores da rede municipal de Abaetetuba trabalharem sobre pressão, pois as exigências com a aprendizagem dos alunos recaem na pessoa do professor que sofre pressão do corpo técnico-pedagógico da escola, que por sua vez sobre pressão da Secretaria de Educação, porém, os resultados, as metas a serem alcançadas dependem do trabalho docente.

Fatores de ordem mais física também podem provocar o adoecimento docente, entre os quais estão desde problemas vocais devido à elevação da voz e turmas descontroladas ou até mesmo por condições climáticas ocasionadas pelas más condições de salas de aula, sem arejamento, assim como, pela ansiedade de alcançar um bom resultado, surgem problemas de gastrite relacionados à falta de alimentação adequada, pois os professores que moram numa localidade e trabalham em outra, precisam viajar a lugares distantes para lecionar, entre outros fatores, as doenças contraídas pelo desgaste físico. No entanto, não é só a questão física que compromete a saúde dos professores, mas a saúde social desses indivíduos é um fator agravante, segundo Minayo (1992, p. 233):

Saúde e doença são fenômenos sociais não apenas porque elas expressam certo nível ou porque correspondem a certas profissões e práticas. Mas também porque elas são manifestações da vida material das carências dos limites sociais e do imaginário coletivo [...] elas são frutos de condições dadas, mas são também produtos de sua ação transformadora sobre o meio social.

O estresse é um fator social de esgotamento, alunos desinteressados entre outros desafios podem gerar a síndrome do esgotamento profissional e até a depressão, se não reparados esses problemas iniciais. Ligados aos fatores internos na forma de lidar com as diversas situações, tais como as cobranças da escola, as reclamações dos pais que querem sempre bons resultados para os filhos, agressões verbais e não verbais dos alunos, enfim, são fatores que acarretam o adoecimento dos professores nas escolas.

### **4.2. A análise da pesquisa junto aos professores da rede municipal de ensino de Abaetetuba/PA**

Para obtenção de dados e avaliação dos problemas que levam ao adoecimento do professor no exercício de sua função, assim como os diversos fatores que interna e externamente a ele são considerados fortes influenciadores, o que atrapalha o desempenho progressivo deste

indivíduo assim como de seus alunos. Sobre esta perspectiva realizamos entrevistas individuais com alguns professores da rede pública do município, exclusivamente do Ensino Fundamental. A entrevista contou com 13 perguntas relacionadas aos aspectos do trabalho docente.

Para situar a pesquisa, identificaremos a primeira professora como PROFESSORA 1; a segunda, como PROFESSORA 2; a terceira como PROFESSORA 3 e a quarta como PROFESSORA 4.

Diante das discussões levantadas anteriormente, é claro que o professor em sala de aula e fora dela sofre pressões, é fato que pesem no professor (a) como os únicos com o compromisso de ensinar e educar crianças, adolescentes, jovens e adultos, tendo de obedecer a regras e regulamentos, adotar papéis diferentes, ser inventor e propiciador de aulas lúdicas eficientes entre outros, e dessa forma também é muito desrespeitado, de um modo geral, como revelam os estudos.

Por isso, fomos à busca de relatos concretos de professores que evidenciam em seu dia a dia, essas relações de adoecimento ocorrentes na vida do professor (a), e com base em suas experiências pudessem colaborar com a análise teórica da pesquisa em questão.

As perguntas com base na coleta de dados foram as seguintes:

1- Existe algum problema na profissão docente que afeta o seu grau de satisfação no exercício da profissão? Se sim, explique.

Existem muitos problemas com relação por parte ao poder público. Com relação por parte de algumas famílias, que não dão apoio para os filhos, e às vezes eles querem exigir da gente algo, que é para o pai, pra família e eles quer jogar tudo para a escola, o professor. A gente às vezes pra dar aula, temos que comprar até o material da criança que isso não é responsabilidade do professor. Por parte do poder público, por exemplo, eu dava aula nas ilhas, mas nós ficamos três anos sem banheiro, aí ficaram pra vim um ano antes da pandemia dois anos da pandemia e agora um ano e meio que a escola entrou em reforma e até agora nada, mas cobrar da gente eles cobram muito. Por exemplo, a gente não dá aula por culpa deles, as eles querem que a gente alfabetize a criança estando na casa com aula remota e a cobrança e preencher no sistema algo que não existia que não acontecia, e isso me afeta muito. Agora, estou nova em Abaeté, comecei a dar aula na creche do São Sebastião. Eu achava que aqui a cidade era diferente por estar perto do governo, na creche não tem merenda, as crianças não tinham nem copo, a gente tem que levar nosso copo pra caso o professor quiser tomar o café. São crianças de 2, 3 anos de idade que era pra ter uma merenda de qualidade, uma fruta e não tem. Por pensar que nas ilhas ficava mais longe, mas na verdade é em todo lugar. (PROFESSORA 1).

Na nossa profissão existem vários problemas, a falta de apoio, porque a gente precisa trabalhar e trazer soluções pra dentro da nossa escola, mas muitas das vezes não temos esse apoio. Porque a gente tem um documento que está todo

limpo, mas na verdade está só no papel, falta muita coisa. Já avançou? Já, mas tem muita coisa que falta sair do papel pra vim pra nossa realidade. Um dos problemas, por exemplo, é que a nossa escola não tem coordenação pedagógica, mas temos a coordenação da educação infantil, a coordenação do ensino fundamental, mas um coordenador dentro da escola pra coordenar o trabalho da escola, a gente não tem este profissional pra atender os professores e somar com eles pra desenvolver um trabalho melhor com os alunos. Nos documentos diz que a escola tem que ter, mas também esbarra na situação do número de alunos, é toda uma série de situações que englobam nos problemas que afeta a escola como um todo. No atendimento a crianças deficientes a escola tem que estar adaptada assim como os professores e funcionários, mas isso não acontece, o apoio na locomoção e nas necessidades deles, por exemplo, e isso preocupa e afeta meu desempenho, pois o desenvolvimento da criança no papel da escola e decadente, deveria haver formação não só para profissionais de apoio, mas para o professor também, pois há alunos que não tem este profissional de apoio ele é limitado, então é aluno com o professor, se como professora não estou capacitada que trabalho irei desenvolver com esse aluno, certamente pouca produção. (PROFESSORA 2)

Sim. A gente percebe que o trabalho docente é desvalorizado tanto pelo governo desde o salário até na sala de aula, na comunidade, na sociedade e as vezes até mesmo com os próprios colegas de profissão. (PROFESSORA 3)

Sim. Faltam de materiais didáticos, livros, brinquedos até mesmo porque se trabalha na educação infantil, e pra desenvolver um bom trabalho são necessários esses materiais pedagógicos e muitas das unidades de ensino falta esse material básico e a educação infantil não alfabetiza hoje em dia, nós temos que trabalhar o cuidado, o brincar, a saúde e o bem estar para que lá quando chegar no fundamental menor ele venham ser alfabetizados, enquanto isso na educação infantil eles vão trabalhar o desenvolvimento cognitivo, psicossocial, dentre outros pontos. (PROFESSORA 4)

Sobre essa pergunta tivemos como resposta o “sim” para todos os entrevistados, o que reforçou ainda mais o que havíamos percebido diante dos contextos a que os professores são colocados no seu âmbito profissional.

Carvalho (2014) salienta que a falta de estruturas adequadas para que o trabalho decente seja realizado, pode culminar com a insatisfação no trabalho, e posteriormente com perda da eficácia de atuação deste profissional.

2- Existe algum problema na profissão docente que afeta particularmente a sua saúde? Se sim, explique.

Acredito que estou com alguns problemas que vem desse meu trabalho, estou com problema na coluna, não posso estar sentada. No interior onde eu trabalhava eu puxei muita corda de rabudo (motor que é utilizado em pequenas embarcações para locomoção das pessoas em rios e igarapés) eu peguei rasgadura na costa, dói, dói muito, arde não posso ficar sentada muito tempo. E o problema da minha visão também, acho que é disso, estou sem óculos não consigo enxergar quase nada. No estomago também que eu peguei o trabalho de ficar muito tempo sem se alimentar, principalmente quando eu morava no sitio que a gente vem de madrugada de lá pra cestas reuniões, fica em jejum, na secretaria (SEMEC- Secretária de Educação) quando a gente quer

conseguir alguma coisa, eu já cheguei a entrar 07h30min e sair 13h00min pra conseguir falar com alguém de lá de dentro. (PROFESSORA 1)

É muita cobrança, somos muito cobrados e pouco apoiados. Por exemplo, atualmente estou como Profissional de Apoio Escolar e na direção da escola então eu preciso ser apoiada, eu tenho uma dificuldade imensa em ficar na sala atendendo o meu aluno e ser responsável da escola, não estou conseguindo. Então a gente precisa desse apoio, ou é só uma função. Se não sou um bom profissional serei um péssimo responsável da escola porque não tem como executar as duas funções ao mesmo tempo. Poderiam mandar outro profissional para não sobrecarregar, mas não acontece, se você é responsável então você tem que assumir sendo itinerante, cuidador entre outros. E isso me afeta muito, é muita cobrança a SEMEC quer muita coisa, hora é de um jeito, hora de outro. Hoje é sábado e eu não deveria estar pensando em nada relacionado à escola, mas a minha cabeça tá na ata, no plano de ação que temos que desenvolver dia 16, tudo isso afeta de uma maneira que nós trazemos esses problemas pra nossa vida, atrapalhando nossa relação pessoal, social, sentimental externa a escola. Quantas e quantas vezes já trouxe trabalhos pra casa que era pra ser feito na escola e meu esposo não gostava.

Se há a cobrança deveria ter suporte da parte deles pra executar, como não tem coordenador na escola assumo também essa responsabilidade. (PROFESSORA 2).

Sim. O que afeta mais do meu ponto de vista é que temos uma pressão psicológica, a gente faz aquilo, planeja com tanto amor e carinho e ainda somos mal vistos, pra sociedade pros pais como se aquilo (esforço e dedicação) não representasse nada. Em nossa escola no momento estamos planejando o dia sete de setembro (comemoração) e a gente coloca no grupo de mensagem pros pais para confirmar quem vai e ninguém vai. Outro fato foi a festinha dos pais teve poucas participações. Teve um evento da festa junina que tivemos que cancelar por que ninguém ia e isso nos causa um desânimo, nos sentimos desmotivados com essa situação, as crianças estavam empolgadas, tão animadas e quando fomos e vamos conversar com as famílias eles não dão o mínimo valor e chegamos a pensar, será que estamos fazendo o certo, o que estamos fazendo de errado, será que a nossa dinâmica ou o nosso trabalho que não está dando certo porque a gente não vê aquela parceria, a valorização de nosso trabalho. Sendo que na pandemia a gente ficou retido de todas as coisas que a gente poderia fazer agora que a gente voltou eles não estão dando a mínima importância e ficamos sem saber como encontrar uma saída dessa situação. (PROFESSORA 3)

Sim. O excesso de trabalho e fofoca no âmbito escolar. Infelizmente sabemos que em todos os grupos sociais que a gente convive existem essas situações que o profissional vem a adoecer e uma delas que eu vejo seria esse excesso de trabalho que o professor leva pra casa mesmo tendo hoje em Abaetetuba hora atividade, ainda sim existe a questão de levar trabalho pra casa e isso acaba tirando o tempo que a gente podia estar curtindo a nossa família, fazendo algo pra distrair a mente pra não adoecer ou estar fazendo o que bem entender da nossa vida particular, mas infelizmente existe algumas escolas que excede esse limite de trabalho fazendo com que o professor passe das suas 20 horas. O outro ponto é sobre as fofocas, algumas vezes temos que estar se ausentando de certas conversas mesmo assim nosso nome acaba sendo envolvido em fofocas e isso nos deixa triste, magoado porque são coisas que as vezes a gente nem falou e inventam fatos, falas e com isso a gente vai perdendo a confiança no âmbito de trabalho onde a gente esta por causa

daquele grupo lá, isso que me trouxe esse problema de ansiedade.  
(PROFESSORA 4)

De maneira geral todos os sujeitos entrevistados apontam que possuem patologias ou algum tipo de “problema” que foi adquirido ao longo da atividade docente. Questões como a falta de garantia de transporte público, de alimentação de qualidade, e a inexistência de planejamento e apoio pedagógico, são exemplos de serviços que o município não cumpre corretamente.

### 3- A carga horária de trabalho docente compromete a sua saúde? Explique.

Eu recentemente vim do sítio e fui realocada para uma creche no centro da cidade, tem vezes que eu saio muito rápido e às vezes até sem comer direito, porque são crianças de 2, 3 aninhos então tenho que chegar antes de 13h30min e é longe, o sol é muito quente. (PROFESSORA 1)

Esse trabalho há quem diga que vai cumprir só sua carga horária, mas isso não acontece. Nós que trabalhamos na escola trabalhamos até 11h15min pela manhã e de tarde vamos pra SEMEC, então a gente acaba trabalhando 200 hora de carga horária e ganha apenas 100 horas. Por exemplo, dia dos pais está próximo então fui comprar lembrancinhas com meu recurso, agora estou organizando, esse é outro fator que compromete meu bem estar, minha saúde por não conseguir concluir a tarefa na escola, surge a ansiedade. (PROFESSORA 2)

No meu tempo de experiência o que afeta mais é o cansaço, eu acordo cedo às 5 horas, as vezes tenho que dormir 12:00 h da noite fazendo atividades, corrigindo, vendo o que deu certo e o que não deu e já vendo como melhorar pro outro dia e tendo que acordar cedo e isso acaba me esgotando me sinto cansada como se estivesse trabalhando pesado. (PROFESSORA 3)

Hoje acredito que nem tanto devido a hora/atividade estar sendo colocadas em prática no município de Abaetetuba, porém mesmo tendo ela, ainda sim existe uma demanda de trabalho que nos deixa sobrecarregados principalmente quando é aquele professor dedicado, porque quando é um professor que não é dedicado que só trabalha suas quatro horas, e pronto não está nem aí, vem com a cara e coragem pra dar uma aula só com quadro, pincel e caderno com criança e adolescente, faz com que se torne uma aula não muito prazerosa e o aluno as vezes acaba não aprendendo, então aquele professor dedicado vai muito além de suas horas pra fazer um bom trabalho porque ele quer ver o objetivo cumprido com a sua turma. (PROFESSORA 4)

Podemos perceber que há uma preocupação muito forte desta professora (PROFESSORA 1) com sua atual situação, em receber seus alunos, pela distância e pela condição climática que tem de enfrentar todos os dias. Vê-se que o educador por inúmeras vezes não limita sua condição para estar cumprindo suas funções, visto que a má alimentação, a preocupação em estar presente e as doenças físicas que pode vir adquirir, inicialmente são apenas fatores, mas as consequências com certeza não serão boas para si próprio.

Já a professora 2, percebemos a preocupação de estar com o dever cumprido em meio a demanda que a Secretaria de Educação do município exige, além do que deveria e acordo com a carga/horaria do professor.

4- Que tipos de doenças em decorrência do trabalho você já foi acometido/a?

Problema na coluna e problema na minha garganta. Na garganta quando adoço, pra eu ficar boa é muito difícil, ai o doutor fala que é de tanto eu falar, já me consultei, já fiz exames que o médico mandou que realiza pelo nariz pra ver e constatou que tenho um maçado na garganta. (PROFESSORA 1)

Em decorrência do trabalho foi o afastamento da fenda da minha garganta, porque nosso instrumento de trabalho é a fala então devido eu falar muito aconteceu esse problema. Quando fico em sala de aula é uma semana eu fico rouca porque o problema se agrava e isso me afeta. Depois do diagnostico eu passeia ser profissional de apoio, pois tomar conta de uma sala de aula já não é viável. (PROFESSORA 2)

Como eu já havia dito a pressão psicológica que a gente sofre causa ansiedade, nervoso, esgotamento físico e mental, mas também eu sofri bastante infecção urinaria, pois quando a gente entra em sala de aula já temos o abito da garrafinha de água, mas antes não tinha aquilo de sair pra tomar agua ou ir no banheiro pra não deixar os alunos sozinhos pra não acontecer alguma coisa, então eu já tive infecção e trabalhei mesmo assim, teve um dia que não sabia se ficava na sala de aula ou no banheiro e tive que manter assim até o fim da aula, fiquei mais enrolando eles porque eu realmente não estava com condições de trabalhar eu até dizia pra eles: “olha me ajudem que hoje eu não estou em condições de trabalhar” e parece que o tempo não passava. As vezes a gente tem que trabalhar doente não importa como esteja, mas tem que trabalhar e dizer que “há a gente vai conversar com a diretora pra ... não”. (PROFESSORA 3)

Recentemente, eu já tenho 22 anos de trabalho e durante esse tempo eu tive problemas de saúde, ter filho, uma pequena cirurgia pra tirar um pequeno cisto, mas ocasionado do trabalho recentemente eu passei por crises de ansiedade e estou em tratamento até hoje devido eu não estar bem, mas isso vai passar. (PROFESSORA 4).

Como mencionado pelas professoras são diversas as patologias que podem estar associada às más condições de trabalho do professor do município de Abaetetuba. Sejam elas físicas como complicações na garganta, fala e coluna; ou, relacionados a aspectos metais como a ansiedade e a depressão.

Carvalho (2014) afirma que o professor está envolvido com a vivencia dos seus educandos. Quando a ação dos eu trabalho não consegue atingir os resultados desejados, ele acaba trazendo para si, um sentido de “culpabilização”, o que pode resultar em problemas relacionados a sua saúde.

5- No seu local de trabalho você sofre algum tipo de pressão psicológica? Explique.

Não. Sempre foi um ambiente harmonioso. (PROFESSORA 1)

Não. Na escola há a cobrança, por exemplo, nem tudo tem na escola, faltam algumas coisas, então há a cobrança de formação em cima do professor. Temos uma professora lá na escola que recebe cobrança dos pais e eu com a direção da escola recebemos queixa dos pais pelo horário da chegada e a falta da mesma, a isso ocorre por ela morar distante, em outro município, mas é lotada aqui.

Mesmo a gente se esforçando se desdobrando para fazer tudo, ainda falta muita coisa. (PROFESSORA 2)

Agora na escola que estou ainda não, mas na anterior eu realizava um trabalho e a diretora dizia que não, tudo o que eu fazia eu era humilhada pela diretora, pela colega de turma, pelas outras colegas, devido eu ser contrato e elas efetivas elas ficavam apunhalando tudo o que eu fazia pra que eu saísse da escola, e eu saindo de lá o horário de uma efetiva ia ser dobrada então esse era o objetivo me tirar de lá para que dobrasse de outra, tipo “puxa saco” e eu já estava pegando depressão com isso. (PROFESSORA 3)

No momento quando fui gestora no espaço escolar que trabalho hoje como professora era muito visível essa prática de pressão psicológica pelos funcionários, principalmente por alguns quererem ser mais amigos do que profissional, digo, naquela questão de acabar “puxando o saco da diretora porque ela vai dar regalias”, e com isso você acaba sofrendo pressões psicológicas nas reuniões, coisas de falar muito alto e eu acabava não tendo muita empatia, então nas reuniões tinha muito essas pressões, jogadas de xaveco, falatórios e daí que eu comecei a desencadear a ansiedade, porque o trabalho de diretor requer muito do profissional quando é um profissional dedicado que vai atrás, buscar as coisas pra escola atrás de melhorias, mesmo evitando ao máximo essas situações houve um momento em que eu percebi que estava sendo traída pela minha equipe de trabalho que eram minha coordenadora e minha secretaria e com isso levaram meu nome pras redes sociais e outros lugares e foi uma fofoca só, que até a secretaria de educação me chamou pra saber se eu nem sabia que meu nome estava rolando pelas redes sociais e aos poucos fui descobrindo quem eram as pessoas que cabecearam toda essa situação que foram as duas, isso foi um choque muito grande para mim, então veio a pandemia e foi que eu vim abaixo com a questão da ansiedade, fiz tratamento com o psicólogo, mas no retorno das aulas presenciais foi que eu tive a crise e estou aqui me tratando.

Não tive nenhum apoio da SEMEC ou dos colegas de trabalho, meu tratamento é por conta própria, recurso meu particular. Foi uma situação tão rápida que me perguntam como isso aconteceu, foi dentro de uma semana que percebi as mudanças na escola. Nesta volta me colocaram em uma turma de ensino fundamental a qual não é a minha área e sim educação infantil e essa insegurança de trabalhar para algo novo me desencadeou duas crises fortes de ansiedade que tive que ir atrás de um psiquiatra, pois se desse novamente iria provocar um surto se eu não procurasse a psicóloga. (PROFESSORA 4).

Podemos interpretar que em alguns casos a pressão sofrida pelo professor pode estar associada as exigências do cargo, através das questões administrativas, ou, por si mesmo, no sentido da qualidade do seu trabalho, e que muitas vezes vem a se comprometer pela inexistência de apoio pedagógico ou pela falta de carência de estruturas da instituição.

Como mencionado anteriormente, Carvalho (2014) afirma que esta falta de estruturas adequadas ao trabalho do professor pode comprometer a qualidade do ensino, e isso acaba refletindo nas concepções pessoais e de uma possível auto avaliação.

6- Você já precisou tirar licença para tratar de alguma doença? Por quanto tempo?

... ai eu tive nódulo no seio que eu precisei tirar duas vezes, eu meti a licença e eles não me davam, fiz o meu tratamento faltando as aulas, enquanto minhas colegas me substituíam, e eles não me deram licença. Minha filha está com depressão e meu pai com alguns problemas de saúde, devido a idade, pedi licença para cuidar deles e não me deram, apenas me transferiram para a cidade. (PROFESSORA 1)

Sim, mas eu nunca recebi esse direito. Assim como os outros que são efetivos precisam de uma licença pra se cuidar, nós também precisamos. São 22 anos de trabalho no município e nunca me deram. Daqui uns dias vou precisar me afastar da escola, minha filha vai ter bebê e tenho que cuidar dela. (PROFESSORA 2)

Não. Como sou de contrato não posso tirar licença, não temos os direitos como qualquer outro trabalhador deve ter então quando a gente está doente tem que trabalhar assim ou pagar alguém, mas isso não acontece a gente já ganha pouco como é que vamos pagar então a gente tem que trabalhar doente mesmo. (PROFESSORA 3)

Tirei licença para ter filho, que perdi, tive que fazer cirurgia pra tirar, pois foi gravidez tubária e tirei licença para me cuidar, tratar dessa ansiedade desde março deste ano. (PROFESSORA 4)

Mesmo que a legislação garanta direito ao funcionário de tirar licença para assuntos de saúde, nem sempre isso acontece. Para os próprios funcionários efetivos, esse processo pode demorar diversos meses prejudicando ainda mais a saúde deste sujeito.

Já para os funcionários contratados, esse direito não se aplica. O município não garante licença para nenhum dos seus funcionários de contrato, mesmo que seja relacionado a assuntos de saúde. Segundo a professora 3, caso este profissional não consiga realizar seu trabalho, ele vem a ser afastado do seu cargo, sem remuneração e podendo perder sua vaga de serviço.

7- Na sua escola, os seus colegas de profissão adoecem regularmente? Se sim, qual o tipo de doença mais comum que os docentes sofrem?

Mais da coluna e da vista. Tenho duas colegas que sofrem com esses problemas, ainda mais depois da pandemia do Covid19 que ficaram com sequelas. Há algumas querendo se aposentar. (PROFESSORA 1).

Ultimamente tem sido mais de virose (gripe), mas não é frequentemente. (PROFESSORA 2).

Virose, pois a de hoje não é como a de antes que era só uma gripe, hoje dá febre, dores, deixa pessoa arriado se a gente não tomar cuidado a gente pode até se complicar pegar uma pneumonia, mas tem que trabalhar assim mesmo,

infecção urinária, dores eles sempre reclamam de dores, ansiedade, nervoso e diarreia, entre outros que acabam nem relatando. (PROFESSORA 3).

Sim. Devido à dedicação ao trabalho acabam deixando-se sem prevenção, pois reclamam de dores em partes do corpo entre outras situações, mas eles não procuram se consultar devido se dedicar mais ao trabalho do que a sua vida. Hoje eu tinha que olhar, doeu algo em mim vou ao médico, vai ao SUS, vou ao particular procurar saber o que eu tenho, pego o resultado, levo atestado e não vou trabalhar porque preciso me cuidar eu sei que se acontecer algo comigo hoje amanhã vai ter alguém pra preencher a vaga, é melhor estar nos precavendo do que morrer por causa do trabalho. Quando eu estava na Gestão muitos funcionários reclamavam de dores, falavam das suas doenças, queixavam de ansiedades, mas não queriam deixar o trabalho para procurar tratamento, preocupados com as faltas por falta de atestado, às vezes os funcionários acordam se sentindo mal e nessa hora temos que ser humano e dispensar a turma liberar o professor, porque por uma aula o aluno não vai morrer, mas o professor corre esse risco. (PROFESSORA 4).

O tema deste trabalho fica em evidencia aqui. O adoecimento do professor é algo inerente a função. Todos as quatro professoras confirmam que todos os colegas de serviço apresentam doenças que estão relacionadas ao trabalho. Assuntos relacionados a coluna, visão e garganta são os mais comuns e mais citados ao longo de toda a pesquisa.

8- O que acontece com a sua turma quando você adoecer?

Ou não tem aula ou uma professora substitui. Por exemplo, lá no sitio era mais fácil de trabalhar é uma comunidade, são parentes, a diretora era uma tia minha que foi madrinha do meu casamento, ai existe essa negociação, se eu ficar doente vem uma professora da manhã e dá a aula de tarde, e vice e versa ou eles ficam sem aula mesmo e há a compreensão os familiares, pois não questionam muito a decisão da escola. (PROFESSORA 1).

Quando a gente adoecer como não temos esse direito à licença, ou a gente paga alguém pra dar aula mesmo. Minha preocupação está em deixar a turma nas mãos de outra pessoa porque não estarei podendo estar lá exercendo a minha função e ainda mais a reclamação dos pais, pois a gente deixa os alunos lá, eles que são os nossos “patrões”. (PROFESSORA 2).

Não cheguei a ter que liberar, como eu já disse tive que trabalhar doente, mas se fosse o caso, que Deus livre, eu teria que pagar alguém pra ficar lá porque não mandam ninguém pra substituir eu lá. (PROFESSORA 3).

Algumas vezes sou respaldada por atestado outras as faltas são justificadas, ou as vezes tenho que pagar alguém para ficar em meu lugar, dependendo da situação, há negociação entre funcionários. (PROFESSORA 4).

Como visto, a garantia do direito nem sempre é cumprida. Mesmo para o professor efetivo, ele necessita pagar outra pessoa para assumir a sua turma. O atestado médico é aceito, porém como mencionado durante a pesquisa com as professoras, nem todas as vezes a pessoa vai até um consultório médico para poder ter um atestado. Quando se trata de uma virose mais simples, o professor tende a se cuidar na sua casa, e nesse intervalo de tempo ele necessita pagar outra pessoa para ficar no seu lugar.

9- Alguma vez você já trabalhou doente? Como você se sentiu?

A gente sempre trabalha doente, se sente mal, não dá uma boa aula, mas termina nas ultimas. No mandato de uma gestora municipal há um tempo ela não podia contratar funcionários, então a carga horaria dos efetivos foi dobrada, assim como a minha, como tenho problema a garganta eu aguentei só 2 meses, não dei conta me deu muita tosse, dor na garganta, febre, então chamei as reesposáveis da escola e disse que não queria mais, pois eram duas turmas de primeira série. Quando eu peguei as turmas pensei que eu ia usar o mesmo plano de aula, mas não deu certo, a turma da tarde era mais fraca e de manhã eu ia com aquele pique porque era mais fresco a temperatura e quando era de tarde eu chegava exausta sem poder dar à assistência necessária a turma que mais precisava. (PROFESSORA 1).

Varias. Me senti humilhada, a gente precisa do nosso trabalho e ser responsável por ele, mas do que a gente mais precisa é da nossa saúde. E às vezes a gente vai trabalhar doente, quantas vezes eu já fui pra não deixar o aluno, pra não deixar a escola sem uma pessoa à frente (responsável). Se acontecer alguma coisa com o aluno, vai tudo pra cima do professor e sendo na escola mesmo que a gente não tenha culpam de nada eles (os pais) vem pra cima do gestor da escola, porque a partir do momento que o aluno entra na escola a responsabilidade é nossa. (PROFESSORA 2).

Sim. Trabalhei e tive que segurar a turma enrolando eles até dá o cumprir do horário. Porque não tem como trabalhar direito.

Não tive nenhum apoio, mesmo sabendo da minha situação e vendo a frequência que eu ia ao banheiro, não teve esse apoio da diretora ou de outra funcionária. (PROFESSORA 3).

Sim. Me senti inútil devido não ter condição de pagar alguém para ficar na turma ou a escola não ter disponível profissional para esses casos, dentro do espaço escolar há vários funcionários e as vezes o diretor quando ele é responsável de deixar alguém pra preencher essas lacunas, mas infelizmente a gente vê escolas cheias de profissionais e o diretor não sabe conduzir essas situações e com isso o profissional que não tem dinheiro pra pagar alguém com recurso próprio tem que ir doente mesmo enquanto muitos “trabalham” sentados. (PROFESSORA 4).

No relato de ambas entrevistadas (professoras 1 e 2) podemos analisar o quão ruim é a situação do professor que ainda doente não falta com suas responsabilidades, ainda que seu estado de saúde não seja apropriado para tal situação. Vemos também que ambas executaram ou executam tarefas dobradas, por motivos externos. No entanto, a saúde é essencial para que um professor (a) lecione, imagina-se para tomar conta de duas turmas em horários diferentes, ou, além disso, ser responsável a escola. Dessa forma,

Em termos quantitativos, contrariamente às expectativas de expansão dos cargos, assiste-se a uma compressão do efetivo e, em consequência, ao aumento do volume de tarefas para os trabalhadores presentes nas escolas. Nota-se o seguinte paradoxo: a ampliação das funções da escola, [...] dá-se em um regime de redução do número de efetivos. Apesar do volume e da heterogeneidade das demandas que alunos e comunidades aportam à escola, funções [...] costumam ser exercidas por apenas um profissional, sendo

comum a ausência de todo esse pessoal no dia-a-dia da escola (ASSUNÇÃO, OLIVEIRA, 2009 apud SILVA, 2007).

10- No caso de você adoecer em decorrência do trabalho, qual a assistência do município você tem no tratamento?

Nenhuma. Deveria ter, a gente presta serviço para o município e não recebe nada em troca, pra gente ter que tirar do salário da gente. Tínhamos que ter pelo menos um plano de saúde. (PROFESSORA 1).

Recentemente está tendo um psicólogo disponível para atender todos os professores da rede pública do município, pois uma das maiores doenças do professor é a doença da garganta e o psicológico dele, porque o professor quer desenvolver um bom trabalho e aí ele fica com aquela vontade, ansiedade e não tem o apoio necessário e suficiente, ficam entre o querer e o não poder e isso nos deixa triste. (PROFESSORA 2).

Estou trabalhando vai fazer 5 anos e nunca vi nenhuma assistência de consulta por exemplo, médicos disponíveis pros professores, eu desconheço, se eu precisar eu vou ter que pagar uma consulta particular ou tentar pelo SUS, mas do município existe aquele projeto pra atender os professores não chega. Pelo SUS eu ainda consigo as consultas, mas não os exames, mas é por conta própria não é advindo da SEMEC ou da prefeitura, por exemplo. (PROFESSORA 3).

Nenhuma. Se eu quiser cuidar da minha saúde ou pago um plano de saúde ou procuro o SUS, UPA, UBS, sendo que pra você ter ajuda dessas unidades você tem que ser amiga das ACS – Agentes de Saúde que fazem visitas nas casas, pois sem a ajuda deles você não consegue se consultar, então são essas maneiras, eu pago uma clínica ou vou à farmácia comprando remédios e vou me medicando, porque conseguir médico pelo SUS sempre foi complicado. (PROFESSORA 4).

Como observado, o município não oferece nenhuma assistência específica para o atendimento de professores acometidos por alguma doença. O município também não garante plano de saúde para estes profissionais, sendo as unidades públicas de saúde como a UPA e UBS os únicos lugares onde estes sujeitos podem ser assistidos medicamente.

11- Qual a relação que você faz da profissão docente e do adoecimento?

Se o professor está doente ele precisa se afastar, se recuperar. Vejamos, se eu estiver com uma virose eu vou poder estar levando essa virose pra escola? Pôr em risco a saúde dos alunos? Não. Eu preciso ficar boa. De repente se me dá tontura e eu caí, é complicado. (PROFESSORA 1).

O efetivo tem direito a uma licença a saúde de três meses, mas se o professor temporário adoecer ele não tem essa licença pra se cuidar, então vai deixar alguém no seu lugar ou os alunos vão voltar pra casa. (PROFESSORA 2)

No caso na minha escola se tivesse um coordenador, seria papel dele substituir o professor doente e como não tem, eu teria que pagar alguém para me substituir para minha melhora e voltar a trabalhar, porque quando estamos doente a gente não consegue dar atenção, realizar um trabalho bem feito, ajudar as crianças, principalmente as minhas que são de 3, 4 anos de idade. (PROFESSORA 3)

Seria o suporte didático e o físico. Me refiro ao físico como o espaço preparado, arejado, tranquilo, grande pra quantidade de alunos que eu recebo. Já ao adoecimento vem da cobrança excessiva e dos trabalhos que são levados para dentro da casa e algumas vezes somos desassistidos pelas instituições de ensino, ou seja, o adoecimento acontece quando somos profissionais dedicados e acabamos extrapolando nas nossas formas de trabalhar que vão muito além do que só ensinar por mais que a gente diga que não vamos fazer, a nossa profissão “fala” mais alto do que nos mesmos, pois sempre queremos o melhor, queremos ver nossos alunos se desenvolvendo e não regredindo principalmente aqueles que apresentam dificuldades e isso preocupa, precisa de mais atenção e mediante isso a gente acaba trazendo material pra produzir dentro de casa. Muitas vezes há aquele profissional de apoio, que fica em sala seria na verdade uma ajuda a mais não só pra cuidar, mas pra produzir materiais e brincadeiras de inclusão não só para seu aluno, mas para todos em grupo. (PROFESSORA 4).

É importante que possamos nos atentar para o fato de que a escola necessita dar condições suficientes para o docente atuar. A legislação garante todos os itens pertinentes a esta situação, porém sabemos que na prática isso não acontece, e assim, acaba culminando com o adoecimento deste profissional.

CARVALHO (2014) sempre ressalta que é fundamental que o estado esteja comprometido com o docente de maneira com que ele se sinta bem com as condições do seu trabalho. Segundo o autor, a ação de ensinar não é simples, e para isso, ela precisa estar subsidiada por aspectos suficientes.

12- O que você atribui que o trabalho docente causa adoecimento ao professor.

Acho que é mais a preocupação com relação ao trabalho, a carência das coisas e a maneira que é cobrado do professor. (PROFESSORA 1)

A muita cobrança e a pouca contribuição por parte dos órgãos educacionais. É direito de o aluno ter uma educação de qualidade, mas o professor não é amparado e com isso causa adoecimento nele. Pra se dar essa educação de qualidade o professor tira do seu dinheiro e às vezes me pergunto como alguns dizem não tirar do seu bolso, é impossível ter qualidade só com o que a escola tem é preciso contribuir. Difícil é quando não dá pra colaborar devido o baixo salário, tirar do pouco afeta meu orçamento, mas se eu não comprar eu fico me perguntando como vou desenvolver lá. Toda escola tem o conselho escolar e vem uma verba dos programas, mas o nosso está desatualizado, então não vem. O professor precisa de coisas como caneta de quadro branco, impressora, computador, papel xamex e isso saem do bolso do professor, como ele vai trabalhar se não tirar do bolso, porque a escola não tem? Eu quero um bom trabalho, mas como vou promover, como? Isso me afeta e eu adoço. Já comprei até Castilho de porta pra não roubarem o pouco que tem na escola, as pessoas vendo pensam que é mandado provavelmente da SEMEC, o elogio é pra quem? O professor é visto como aquele que tem que trabalhar ali, mas mal eles sabem que quem é que tira do bolso pra tudo estar em ordem é o professor. Quando se pede há poucos da comunidade que contribuem frente à necessidade, mas não podemos estar pedindo dos pais, pois também são pessoas necessitadas e isso acaba esmorecendo o professor. Antes

procurávamos conteúdos em livros agora é só internet e a escola que não tem computador? Agora que chegou a internet, mas não é suficiente. Pra fazer um livro de ponto, por exemplo, tenho que ir a um *Cyber* pra mandar fazer (PROFESSORA 2)

O professor por querer ajudar a resolver tudo o que ele vê de errado tanto na escola quanto na família dos alunos porque os alunos vem desabafar com a gente, vem contar as coisas que acontecem e as vezes é em quem eles confiam, e por quereremos ajudar eles, resolver a situação porque não está ao nosso alcance tem coisas que cabe a família resolver, a gente acaba se envolvendo e sofrendo trazendo aquilo pra si abalando o psicológico levando pra dentro de casa, a gente se pergunta o que eu vou fazer pra resolver. Isso causa um sofrimento, não aquele que é percebido na cara da pessoa, mas é um sofrimento por dentro que vem destruindo a gente por não dar uma solução pra aquela criança. (PROFESSORA 3)

Vemos que o professor é aquele que para trabalhar tem que gerar seu próprio local de trabalho, diferente de um pedreiro em uma obra que tem os tijolos, o cimento, a ferragem, telha etc., para levantar a construção, isso tudo a parte de seu salário, pois não é sua responsabilidade e sim do patrão. No caso da educação o patrão que mais insiste em haver educação é o governo e etc., deixa a desejar, e isso também se torna mais um fator influenciável ao adoecimento do docente.

13- O que você acha que deve ser mudado no trabalho docente para que o professor deixe de adoecer com frequência?

Que o professor tivesse uma assistência medica, um plano de saúde pago pelo governo para que ele pudesse receber tratamento adequado porque ele estando doente, o SUS é desse jeito, não recebe tratamento e adequado necessário, as doenças vão se acumulando e quando vê o problema está maior, “vão só empurrando com a barriga”, vai doente pra escola, não tem plano de saúde, a pensão necessária que merece então as coisas vão só complicando. No sitio acho que é mais fácil de ter assistência tendo um coordenador pedagógico que ajude, porque somos tudo só nós, o professor. (PROFESSORA 1)

Primeiro de tudo que os meus direitos saíssem do papel e fossem liberados na realidade. Eu tenho esperança de sermos professores respeitados. (PROFESSORA 2)

Eu não vejo que é no trabalho do professor, tenho certeza que o professor pode às vezes nem ter tanta experiência ainda, mas ele vai e da o seu melhor dele. Mas o reconhecimento e a valorização do poder publico começando lá de cima do Federal, Estadual, Municipal e vem terminar na Escola com a família, com a comunidade, podendo haver uma casa de apoio onde o professor possa ser acolhido e tenha seus direitos, pois ele tem seu dever de dar aula, ensinar, mas cadê os direitos. A gente trabalha e quando a gente sai de férias a gente fica demitido e no próximo semestre que somos recontratados, quando chega no fim do ano todos pegam o decimo e a gente não (os contratados). O que tem que ser mudado é isso, porque o professor contratado não tem seus direitos é banidos, o professor compra material de recurso próprio pra levar pra escola e promover uma atividade diferenciada e não é reconhecido e acaba faltando pra nosso sustento. Houve situações do dia das mães de eu comprar lembrancinhas para as crianças darem as mães e ainda saírem reclamando,

então isso é entristecedor, porque mesmo que não tenho condições financeiras eu tenho que dar um jeito, para que as mães percebam que elas são valorizadas também e que elas são importantes para a educação dos filhos também, seja fiado ou emprestado a gente se vira pra conseguir fornecer isso, tentando poupar o que seria uma responsabilidade da família, porque quando é uma festinha da mãe ou das crianças eles terem que dar, mas como eles não tem condições, mesmo nós não tendo, para não passar despercebido e que nos valorizamos eles, gostaríamos também de ser valorizados em meio as críticas, as reclamações. (PROFESSORA 3)

Ser respeitado como todos os outros profissionais que compõem a unidade escolar, pois sempre existem as “panelinhas” e quando tem isso a gente acaba percebendo que só aqueles que estão ali são beneficiado-considerados, no dia do aniversário, por exemplo, há comemorações privadas entre eles e aos de “fora” não nem se quer os parabéns, então acho isso um desrespeito entre os funcionários. Outra questão é que fossemos bem remunerados para não ir em busca de outros trabalhos em lugares distantes como eu vou lecionar no Moju, é muito complicado e perigoso viajar para outro município correndo risco de vida para estar sustentando a nossa família. E ainda, que o trabalho docente seja organizado para ser executado no espaço escolar e não levarmos mais trabalhos para nosso lar, deveria ter na escola alguma forma de o professor fazer seu material ali mesmo para aproveitar seu tempo de folga com seus objetivos. (PROFESSORA 4)

Analisando a pergunta feita para os professores (as), percebemos nas falas da professora 1, e professora 2, que elas não se sentem acolhidas e valorizadas em sua profissão, alegando no relato da primeira que seria importante ter um tratamento adequado para sua saúde, já a professora 2, reitera que seria eficaz que seus direitos saíssem do papel para a prática, isso seria o sonho de qualquer educador, com esses relatos percebemos a importância de se valorizar a profissão do professor, respeitando seus limites físicos e principalmente mentais.

Já nos relatos das professoras 3 e 4, percebe-se que no questionamento da professora 3, que está acredita que não seja somente do professor a responsabilidade, mas de uma parceria conjunta das três esferas de poder (Federal, Estadual e Municipal), além disso, defende que seria importante ter uma casa de apoio para que possa amparar o professor, ressaltando também que a família deve ter participação ativa na educação dos alunos, e que esta valorize o trabalho do professor, que mesmo com dificuldades sempre busca fazer seu melhor.

Já a professora 4, acredita que o respeito seja o principal fator para que o professor não adoça com frequência, alegando também que a desvalorização salarial, e jornada de trabalho excessivo, são fatores que provocam o cansaço físico, emocional, e pelo que percebemos isso gera frustrações que acabam levando ao adoecimento do professor.

Podemos concluir em nossa análise que os professores foram unânimes em falar sobre a carga horária excessiva, a falta de apoio por parte das autoridades responsáveis do município, falta de diálogo da instituição para com eles, além disso entendemos o quanto o professor é

importante na educação, onde muitos relataram que custeiam materiais escolares para seus alunos, realizam atividades que muitas das vezes não estão nas suas funções, porém mesmo com essas adversidades percebemos que o professor tem dedicação e amor pelo que faz, sendo pedreiro, subindo em telhados ou até mesmo cuidando de seus alunos quando estes não se sentem bem de saúde.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo se dedicou em compreender a relação do trabalho docente e o adoecimento de professores que atuam nas escolas municipais de Abaetetuba-Pará, tendo em vista a grande incidência de professores que adoecem nos seus ambientes de trabalho, tomando esta afirmativa a partir de nossas experiências como docentes contratados dessa rede de ensino.

De acordo com os resultados das entrevistas, são muitos os fatores que causam o adoecimento de professores e que tem a ver com o exercício da profissão, Todavia devemos acrescentar que a construção dos saberes estão entrelaçados, porque “infelizmente” não temos políticas públicas para os profissionais da educação, ou se as temos não se concretizam na prática. Hoje temos profissionais adoecidos, com salas super lotadas, jornadas de trabalho excessivas, salários baixos, com isso o professor precisar buscar, outros meios, se ele desejar ganhar um pouco mais, acarretando o desgaste físico, mental que lhe sobre carrega diante deste cenário; como a preocupação, o stress e o desinteresse de permanecer com seu bem-estar, esse professor tem muita resistência para suportar tamanhas pressões.

Mediante tais considerações, temos a pretensão de que os resultados deste estudo despertem o interesse de professores, pesquisadores e até mesmo professores em formação, pois assim contribuiremos cientificamente com estudos que mostram que esse tema deve ser discutido e levado para ampla discussão na busca por melhores encaminhamentos para os problemas que implicam na relação trabalho e adoecimento docente.

Vale ressaltarmos a saúde mental afeta profundamente o psicológico do profissional da educação criando a despersonalização e diminuindo seu bem estar, social, familiar e profissional, acarretando sintomas patológicos de sofrimento angústia e fracasso, isso altera a sensação do profissional como desmotivação e perda de viver, que provoca acúmulos de rotinas estressivas. Precisamos de uma olhar mais humano, igualitário sobre a saúde dos professores, que também precisam de cuidados que desenvolvam o equilíbrio emocional e seja acolhido de forma humanitária, estimulando, criando estratégias, investindo e auxiliando esses profissionais para serem reconhecidos na área de seu árduo trabalho educacional.

Esta tarefa possibilitou chegarmos ao entendimento dos fatores que permeiam o meio social, pessoal do professor, além de obtermos conhecimentos valiosos da prática do mesmo, permitiu-nos também entender que suas funções vão além do ensinar, e dessa forma ao ponto que inspira a força de vontade por uma boa educação, e que a mesma leva ao desgaste.

Analisando tudo isso, a educação está doente e o professor também, ambos estão juntos em busca de uma sociedade justa, onde encontram nas suas tentativas fracassos e derrotas, e que muitas vezes nos proporciona encontrar meios para que venham estabelecer os mesmos objetivos na educação, toda essa engrenagem da educação envolve um “todo” e se nos reunirmos em busca do protagonismo da educação alcançaremos significativamente resultados satisfatórios.

Dessa forma, acreditamos que através das observações e olhares os profissionais precisam de incentivos, que venham trazer dentro do espaço escolar para o profissional que está inicialmente adoecido, psicólogos, centros de apoio para o professor, palestras, atividades lúdicas, músicas, proporcionando lazer, exercícios físicos, um ambiente acolhedor que favoreça o conforto e o bem estar deste profissional que diariamente luta para que construção de uma educação justa para todos.

## 6. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (2015). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-V**. Porto Alegre: Artmed.

ANTUNES, R. e ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educação e Sociedade**, vol.25, No. 87, p.335-351. 2004

BARBOSA-BRANCO, A.; ROMARIZ, M. S. Doenças das cordas vocais e sua relação com o trabalho. **Comum. Ciênc. Saúde**. 17(1): p. 37-45, 2006.

BARROSO, B. O. **Para além do sofrimento: uma possibilidade de compreensão do mal-estar docente**. Brasília, 2008. 190 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em 16 de julho de 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Brasília, 2020, Depressão. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao-1>>. Acesso em: 12 out. de 2022.

CARVALHO, Ana Carolina da Costa. **Trabalho docente e adoecimento de professores do ensino fundamental em um município da zona da mata mineira**. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa, 2014.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GADOTTI, Moacir. **Gestão democrática e qualidade de ensino**. 1º Fórum Nacional Desafio da Qualidade Total do Ensino Público, Belo Horizonte: Minas centro, 28 a 30 de Junho de 1994.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 15, p. 97-116, 2003.

LANDINI, Sônia Regina. Professor, trabalho e saúde: as políticas educacionais, a materialidade histórica as consequências para a saúde do trabalhador-professor. In: VI Seminário da Rede Latino-americana de Estudos sobre Trabalho Docente – REDESTRADO. Rio de Janeiro, 6-7 nov. 2006. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 2006. 1 CD-ROM. Disponível em: <[http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd\\_viseminario/trabalhos/eixo\\_tematico\\_2/professor\\_trab\\_s\\_aude.pdf](http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_2/professor_trab_s_aude.pdf)>. Acesso em: 05 jun 2022.

LEMOS, Jadir C. **Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários**. 2005. 137f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de PósGraduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LÜCK, Heloísa. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1992.